

## O amor grego à francesa: a *paiderastía* e a masculinidade em André Gide e Pierre Guyotat

DANIEL FALKEMBACK RIBEIRO

Doutorando em Letras na Universidade Federal do Paraná (UFPR)

e-mail: danielfalkem@gmail.com

### INTRODUÇÃO

**E**m *Corydon* (1924), reescrita de diálogo socrático publicada por André Gide, uma personagem masculina homossexual, de nome Corydon, tenta explicar o “amor grego” a um amigo. Diante das acusações de pecado, de atentado à moral, surge a defesa da *paiderastía*<sup>1</sup>, parte dos valores helênicos ligados à formação do jovem pelo homem mais velho. Como uma espécie de classicista do amor, a personagem se mostra interessada em reestabelecer as dinâmicas de amor dos tempos do *Banquete*, de Platão, por meio da estetização da matéria. Não se trata de algo surpreendente, exceto, é claro, se pensarmos nas lutas estabelecidas pelo movimento homossexual após a Segunda Guerra Mundial. Em relação à literatura, é fato que a sexualidade sempre esteve presente, ainda que de modo marginal, no discurso e na realidade para os quais a narrativa nos conduz. A homofobia como fenômeno, não apenas como conceito, também sempre teve papel fundamental na configuração da sociedade sob o patriarcado. Qualquer exploração do tema da homossexualidade teria que ser feita diante desses problemas e sem se livrar deles de imediato.

Mesmo após a ascensão dos grupos de contestação gay e lésbica no cenário pós-guerra, a figuração do “amor grego” como retomada dos moldes clássicos para a sexualidade moderna continuou a ser um parâmetro, um ponto de partida para o pensamento sobre a questão. Um exemplo seria Michel Foucault, que, ao escrever seus três volumes da *História da sexualidade*, fez referência a todo tempo

---

<sup>1</sup> Em geral, nos dicionários, distinta da acepção atual de “pederastia” em português, que, além de sinônimo de homossexualidade masculina, também contempla a relação sexual entre um homem mais velho e um mais jovem, sem referência à sua integração à *paideia*. Outro problema advindo do uso do termo como sinônimo do vocábulo grego seria a associação com a subversão, no contexto brasileiro a partir do período ditatorial militar.

ao papel essencial da Antiguidade Clássica na formação de nossas reflexões e práticas cotidianas sexuais. Os escritores franceses também levaram isso em consideração em sua produção, é evidente.

Com o objetivo de fornecer subsídios para a discussão sobre as formas que o discurso amoroso homossexual assumiu a partir de suas interpretações dos antigos, ainda que de modo não tão declarado, para além de Gide, figuras menos conhecidas fora da França, como Pierre Guyotat, aparecem como definidores de uma linha de formação da escrita homoerótica em terras francesas. Em algumas composições dos três escritores, são expostas as dificuldades de se estabelecer um discurso que contemple vivências eróticas para além da heteronormatividade. A recorrência de temas ou interpretações feitas a partir da literatura clássica, não somente a grega antiga, nos estimula a fazer uma pergunta: o ideal de “amor grego” ainda é um referencial para se escrever sobre o ponto de vista homossexual?

Diante de um discurso amoroso que tenta se remodelar, nota-se, no século XX, uma tendência na literatura francesa para se trabalhar com o tema do homoeotismo, até então reprimido pelos parâmetros do cânone e da própria crítica literária. Nesse sentido, torna-se fundamental ler, portanto, o erótico para além do próprio sexo e buscar nele uma sexualidade e, considerando que nosso objeto é a literatura, as representações do desejo.

#### O DISCURSO AMOROSO DOS ANTIGOS SEGUNDO OS MODERNOS

Tratar em detalhe da vida social dos gregos e romanos antigos ainda é uma tarefa árdua, em especial se não separarmos vida social e vida privada. Quanto à sexualidade, inclusa a homossexualidade, houve por muito tempo a tendência a se fixar, mesmo na história literária, a experiência do desejo sob parâmetros modernos que dão conta somente de uma convenção heterossexual. Daniel Ogden (1996), entre os historiadores mais recentes, está entre os proponentes de uma revisão do que já se estabeleceu sobre a sexualidade antiga. Ao tratar das relações entre soldados gregos na guerra, ele deixa claro que a *paidēraistía*, ou seja, a relação de formação sexual entre um adulto e um adolescente, posta culturalmente hoje como experiência máxima da homossexualidade helênica, não é a única forma de militares ou até mesmo homens em geral se relacionarem no plano amoroso e sexual. Essa constatação é ainda demonstrada pela verificação de que um pressuposto sobre a *paidēraistía* de que as relações se davam exclusivamente com base na dominação, ou seja, entre um “ativo” e um “passivo” sexuais, também não pode ser corroborada a depender do *corpus* textual selecionado (cf. Ogden, 1996, p. 45-48).

Ainda sobre a sexualidade entre os soldados gregos, não somente atenienses, Ogden ressalta as consequências coercitivas do pensamento em vigor até hoje que define o “amor grego” como sinônimo de *paidēraistía*:

[...] pederasty, particularly when explained with reference to initiation, has the advantage of belonging to the distant and morally unevaluable realm of the anthropological, and so tends to remove the practices of the ancient Greeks far from the threat of the banal inter-adult homosexuality of our own culture (Ogden, 1996, p. 111).

Nesse contexto, a homofobia, como atesta Daniel Borillo (2010, p. 45-48), encontra seu espaço para construir a crítica à homossexualidade atual ao contraporla ao exercício distante da homossexualidade pelos antigos, sob o conceito de “amor grego”. Note-se aí como o adjetivo “grego”, em conjunto com outros pressupostos sobre as sociedades da Grécia antiga, reafirma o pertencimento de tal prática cultural e social a outro tempo, a outra humanidade, observada por um viés “antropológico”, como afirma Ogden, que poderia chamá-lo “exoticizante”.

Para além das conclusões de Borillo e Ogden, também apontadas por vezes na análise de textos literários gregos e mais ainda de romanos, pode-se observar por outros meios ainda como a modernidade vê na Grécia antiga uma só forma de amor, o “amor grego” como unidade e norma, distinta das práticas e das ideologias modernas. Por conseguinte, o discurso amoroso grego é, com frequência, interpretado somente sob os padrões atuais, ocidentais e heterossexuais, mesmo entre seus estudiosos.

Em alguns momentos da *História da sexualidade*, nota-se, por exemplo, que Michel Foucault, apesar do valoroso trabalho com os textos filosóficos gregos, se depara com problemas derivados de incongruências geradas pelo conflito entre o discurso dos antigos e o que hoje se diz sobre ele, sem resolvê-los de maneira eficaz. A partir do terceiro volume da obra citada, pelas informações das quais dispôs o autor, torna-se difícil abordar um erotismo que contemple outras experiências para além da *paidēraistía* como ética, principalmente para a sociedade romana. Daí a conclusão de que “Roma, cujos poetas amavam tanto cantar os adolescentes, não deu ecos à grande especulação grega sobre o amor pelos rapazes” (Foucault, 2002, p. 190). A ideia de “especulação grega”, própria da filosofia, parece se aproximar de uma idealização intelectual do “amor pelos rapazes”, que deveria estar além dos parâmetros das representações culturais romanas. É fato que, como a historiografia mais recente demonstra (cf. Williams, 1999), há conflitos entre as formas de amar na Grécia e em Roma, em termos mais genéricos, porém as dinâmicas sociais de cada uma continuam a dialogar entre si.

Embora verifiquemos essa permanência do problema em Foucault, é fundamental recordar que não se trata de uma exceção. Por exemplo, Kenneth Dover, autor da reconhecida obra *Greek Homosexuality* (1978), paradigmática nos estudos sobre o tema, também parece se concentrar em visões somente de escritores atenienses, para os quais a *paidēraistía* era norma social, sem se atentar a possíveis documentos contrários.

## ANDRÉ GIDE E O PARADIGMA DO AMOR GREGO

É necessária a reflexão sobre o discurso amoroso da Antiguidade para que não aceitemos sem pestanejar uma visão derivada de uma interpretação das relações homossexuais dos antigos. Ainda assim, não se pode negar que justamente esse discurso é o que se firmou em boa parte do Ocidente, de modo que, no século XX, sob seus parâmetros, escritores pensaram o “amor grego”. Faz sentido, portanto, que André Gide, conhecido herdeiro de ideias de Oscar Wilde e dos simbolistas franceses, se aproprie dessa visão para sua literatura, ainda que o tenha feito a seu modo e com propósitos diferentes daqueles dos antigos.

Voltando a *Corydon*: vê-se que, após a abordagem da homossexualidade pela história natural, ou seja, por um viés mais próprio das ciências naturais e da medicina, a personagem Corydon tenta convencer seu amigo, no terceiro diálogo, por meio da história das artes plásticas ocidentais desde sua origem. Os gregos, nesse caso, surgem como exemplo máximo e totalizante que faz com que, finalmente, seu interlocutor se diga “quase resignado”, resignação esta que se efetivará somente ao final dos diálogos.

Mesmo nesse momento, é perceptível, mas não ainda para o narrador-personagem, que a tese se baseia essencialmente na *paiderastía* sem se considerar as outras formas de relação amorosa ou sexual entre homens na Antiguidade. A exceção acontece quando Corydon se refere às fortes ligações entre guerreiros na literatura grega, citando exemplos frequentes da mitologia clássica, como Aquiles e Pátroclo, personagens homéricos.

Em *Corydon*, Gide se dedica finalmente a defender a homossexualidade – por consequência, a sua própria também – como algo natural e comum desde os antigos, mas escolhe como meio para isso justamente Corydon, também presente nas *Bucólicas*, de Virgílio. Como se pode imaginar, *Corydon* representou um avanço na discussão sobre o amor entre homens para a França do início do século XX. De início, surpreende-nos que Gide em nenhum momento se limite a definir a homossexualidade em termos unicamente sexuais, o que poderia restringi-la ao domínio da intimidade em uma sociedade em que o público e o privado não poderiam interagir, principalmente quanto ao campo das relações interpessoais. Para o autor, há razões que vão além do coito para se compreender o interesse de um homem por outro indivíduo do mesmo sexo. Segundo sua perspectiva, os homossexuais masculinos existem justamente porque o sexo não visa somente à reprodução, como queria a Igreja Católica. Ressaltamos aqui, para fins que nos serão mais claros adiante, que as lésbicas não se encontravam no horizonte dessas reflexões, no entanto, observa-se que Gide estabelece uma crítica de toda a sociabilidade.

Como apontamos, e talvez outros leitores à época e até mesmo hoje também tenham percebido, Gide não leva a mulher em consideração, ao menos não de

modo direto, legando-a ainda à sua função reprodutiva. Essa lacuna persiste mesmo que seja construída uma análise por Corydon de como somos educados para pensar a sexualidade somente pelo viés moral e religioso, longe de qualquer pecado fora da dita normalidade. Observamos também que essa falta é reflexo de certa persistência de valores heteronormativos na obra, derivados de sua interpretação, mais uma vez, da Grécia antiga. Tal leitura pode ser realizada quando Corydon afirma que: “la jeune fille grecque était élevée non point tant en vue de l’amour, que de la maternité. Le désir de l’homme, nous l’avons vu, s’adressait ailleurs”<sup>2</sup> (Gide, 1924, p. 113). Portanto, partindo-se dessa premissa, que se trata, como dissemos, de uma interpretação da cultura antiga própria de Gide e, em grande medida, da sociedade à época, torna-se justificável afirmar o livre exercício do desejo para os homens, porém não para as mulheres mesmo no século XX.

Em 1925, um ano após a publicação de *Corydon*, Gide publica *Les Faux-monnayeurs*, romance reconhecido pela introdução da técnica do *mise-en-abyme*, o qual também se caracteriza como um segundo momento do desenvolvimento das relações homossexuais em sua escrita. Os paralelos entre essa narrativa e o diálogo de Corydon com seu amigo são inumeráveis, especialmente se um terceiro elemento entrar no conjunto: o *Journal des faux-monnayeurs*, diário ficcional em que o autor dialoga com as personagens. Toda essa comparação, caso seja feita pelo leitor, pela intertextualidade latente, evidencia que a relação de Bernard Profitendieu e Olivier Molinier, os jovens dos *Faux-monnayeurs*, é coerente com as conclusões de *Corydon*, algo confirmado, em certa medida, pelo referido *Journal*. Embora essas relações de transformação da leitura sejam possíveis, também podemos nos ater, de outro modo, somente aos *Faux-monnayeurs* para visualizarmos o “amor grego” idealizado por Gide em um contexto romanescos mais abrangente, com maior variedade de personagens e espaços.

Percebe-se, afinal, que sob o aparente distanciamento do “amor grego”, visto seja pelo senso comum, sob o ideal da *paiderastia*, seja por Gide, que pretende retomá-lo como norma social, permanece a estabilidade da ordem patriarcal, que, como Corydon afirma, lega apenas ao homem o desejo sexual e, por consequência, a permissão para exercê-lo. Com base em discurso amoroso entre iguais, as relações com aqueles considerados inferiores, entre eles as mulheres e os jovens, o amor não pode existir; apenas o sexo aí figura como possibilidade, mas sempre também como dominação em ação. Tal posição sobre o “amor grego” se firma, portanto, sobre a referida perspectiva da diferença dos sexos de Eduardo Colombo (2010), que a define como o próprio estabelecimento dos gêneros feminino e masculino como responsável pela organização social das práticas sexuais que faz com que não exista a possibilidade de relações igualitárias, não somente de sentimento,

---

<sup>2</sup> “A moça grega era educada não tanto em vista do amor mas da maternidade. O desejo do homem, já o vimos, dirigia-se para outra parte” (Gide, 1971, p. 88). A tradução de *Corydon* citada é de Hamílcar de Garcia.

mas em todos os aspectos da vida. Se pensarmos ainda em outros enquadramentos desse exercício de poder da parte do homem, vemo-nos muito bem representados na ficção de Pierre Guyotat, em especial se a compararmos com André Gide.

#### PIERRE GUYOTAT E O CONTRAPONTO DA DOMINAÇÃO MASCULINA

Em 1970, o francês Pierre Guyotat publica *Éden, Éden, Éden*, obra logo censurada pelo governo devido ao alto teor de violência e sexo, apesar de apelo de intelectuais para se manter a publicação à venda. Com três posfácios, o primeiro de Michel Leiris, o segundo de Roland Barthes e o terceiro de Philippe Sollers, ela se lança como uma proposta revolucionária. Trata-se, de fato, como é dito com frequência pela crítica (cf. Brun, 2005; Drigny, 2014), de uma escrita que almeja criar para si uma língua própria, ou melhor, renovar a língua francesa conforme suas demandas, de modo que se adapte a seu ato de enunciação.

Um dos primeiros livros de Guyotat, *Éden, Éden, Éden* se enquadra com facilidade dentro da perspectiva de uma linguagem literária longe do sentido de *belle langue*, ou seja, próxima de uma renovação estilística. A consequência é o rompimento com a psicologização de gerações anteriores para se reconectar com a materialidade da escrita, como herdeiro do *nouveau roman* que o precede. Após esse período inicial, o escritor passa a experimentar cada vez a linguagem, porém já se nota desde o começo de sua trajetória como a escrita é potencializada por seu enunciador.

No referido *Éden, Éden, Éden*, o espaço da narrativa é definido na primeira página, por meio de alusões históricas, especialmente a forças militares francesas na Guerra da Argélia, impressão de violência que surge a partir da primeira oração: “Les soldats, casqués, jambes ouvertes, foulent, muscles retenus, les nouveaux emmaillotés dans les châles écarlates, violets”<sup>3</sup> (Guyotat, 1970, p. 15). Desse fragmento, se considerarmos a atenção a sua sintaxe notável, pode-se afirmar que os soldados serão os protagonistas da ação na narrativa, ação esta que, no caso, acontecerá sem quaisquer restrições. Em termos semióticos, poderíamos afirmar que eles são os actantes principais dessa grande sentença sem pontos-finais que é o texto literário de Guyotat. Figuras das mais exemplares da virilidade em tantas sociedades, os militares são aqui caracterizados inicialmente pelos capacetes (*casqués*), prontos para o combate, porém, ao mesmo tempo, têm as pernas abertas (*jambes ouvertes*) e músculos firmes, enrijecidos (*muscles retenus*), para agredir os recém-nascidos, que estão envoltos em xales ou mantas coloridas (*emmaillotés dans les châles écarlates, violets*), como se tivessem sido retirados à força de familiares seus que os protegiam sob panos. Não é preciso qualquer sobreinterpretação simbólica

---

<sup>3</sup> “Os soldados, com capacetes, pernas abertas, batem, músculos firmes, nos recém-nascidos envoltos em xales escarlates, violeta” (tradução nossa).

para entender a violência crua do ocorrido, para qual nossa moral não prevê nenhuma justificativa possível.

A partir desse cenário agressivo, há mais informação ao leitor: ficamos sabendo que se trata de soldados franceses na Argélia, portanto, representantes da autoridade colonial, que são identificados por siglas e outras referências a batalhões da guerra da independência. Tal conhecimento surge em conjunto com acontecimentos como o estupro de um adolescente e de mulheres, mães dos bebês agredidos, talvez pisoteados, seguindo-se ainda o assédio de uma menor de idade por um soldado (Guyotat, 1970, p. 16-19). Em comparação com uma narrativa mais convencional, não se veem personagens em *Éden, Éden, Éden*, afinal não há um mínimo de qualificação da psique que dê sentido para o ato de nomear actantes no discurso. A ação existe por si só, promovida geralmente por um soldado, um homem, contra outros que sofrem essa ação, sejam mulheres, animais, objetos ou até mesmo outros homens, em uma posição subalterna.

Leiris, em um dos posfácios da primeira edição da obra, ressalta uma consequência da ausência de exploração psicológica desses actantes: sem psique, resta apenas o biológico, os corpos em si, em “contact pur et nu – exempt de toute interprétation faisant écran – avec des corps vivants et les objets fabriqués qui constituent leurs coques ou leurs appendices”<sup>4</sup> (Leiris in Guyotat, 1970, p. 274). No ato sexual, que não é raro em *Éden, Éden, Éden*, mas sim a principal – senão a única – forma de se agir sobre o mundo, os homens são representados somente por seus corpos, por seus órgãos sexuais, repetindo-se vocábulos como “*le sexe*” ou ainda “*le membre*”. Esse “membro”, com frequência, “*s’égoutte*”, ou seja, pinga, goteja, não apenas no momento da ejaculação no coito, mas por vezes sem motivo aparente, em demonstração da iminência do sexo, independente da vontade desses “objetos fabricados”.

Quanto aos passivos na relação sexual, sem ação na narrativa, a enunciação os define não por termos como “*le sexe*”, que poderiam conotar desejo, mas sim por “*lèvres*”, para aludir às vaginas, meros receptáculos e não mais mulheres, ou até mesmo “*fesses*”, que podem apontar a penetração anal seja de um homem, seja de uma mulher. No início da narrativa, nota-se também a expressão “*bouclé brun*”, ou seja, o “moreno encaracolado”, para designar o negro, também objeto do desejo desse homem colonizador, branco e onipotente. É evidente que, no contexto da Guerra da Argélia, os papéis na lógica da colonização são bem marcados linguisticamente na obra, estabelecendo o corpo colonizado como espaço de domínio. O sexo, ação motriz da narrativa, acontece sem que, necessariamente, tais funções sejam justificadas, sem uma defesa ou uma louvação enunciada do sexo, fazendo-nos desconfiar da semelhança com Sade, apontada, mas não desenvolvida por Sollers em seu posfácio (Sollers, in Guyotat, 1970, p. 277). Em Guyotat, o ato sexual

<sup>4</sup> “[...] contato puro e nu, livre de qualquer interpretação mediadora, com corpos vivos e os objetos fabricados que constituem suas cascas ou seus apêndices” (tradução nossa).

ocorre e é narrado em terceira pessoa, sem grandes avaliações da parte do narrador, algo ressaltado pelo uso raro de adjetivos para além de qualidades primárias, como uma cor, uma forma ou um estado físico.

Observa-se, em *Éden, Éden, Éden*, uma dinâmica de máxima afirmação do patriarcado por elementos que correspondem a um ideal de sujeito, o homem segundo os padrões da heteronormatividade ocidental, representante exclusivo da virilidade e dominante quanto a vontades e prazeres. Os soldados em guerra, na guerra como estado de exceção, afinal não há conflitos bélicos na narrativa, não hesitam em exercer esse poder que lhes foi outorgado, sem qualquer pudor. A descrição minuciosa de seus atos de violência e sexo não serve para um propósito de julgamento moral ou fantasia, estabelecendo-se assim o texto de Guyotat como espécie de pornografia às avessas. Sua composição narrativa destaca sua proximidade com o conto e o cinema eróticos, instituídos pela indústria pornográfica em um espaço em que também, usualmente, não há personagens bem construídas e relações fora dos limites da dominação masculina.

Voltando-nos ao nosso objeto, vemos que, no mundo criado por Guyotat, todas as relações estabelecidas pelos homens visam à anulação da alteridade daqueles que os circundam, tornando-os, mais uma vez, “objetos fabricados” sob a supremacia do eu masculino, imperialista. Em comparação com Gide, de acordo com nossa análise, vemos que não é viável conceber o discurso amoroso pederástico, o “amor grego” idealizado, no contexto de *Éden, Éden, Éden*. Apesar da presença militar no texto, não se constroem relações entre um *érates* e um *erômenos*, ou seja, entre um homem maduro e um adolescente pueril, em formação, ambos com um desejo recíproco. Há, sim, evidências de um companheirismo patriarcal, sob o qual um homem recebe o apoio de outros para que a dominação social e sexual se efetive, sem base em um patriotismo esperado dos militares. No entanto, se houver qualquer relação dita homossexual, ela não se assenta em um discurso amoroso, mas sim, na violação, no estupro, seja de um adolescente, seja de um negro, ambos subjugados ao soldado colonizador.

Novamente, quanto a paralelos possíveis com o ideal do “amor grego”, vê-se que não existe também uma caracterização heroica das personagens em Guyotat que destaque sua formação como homem, um possível *érates*, pois a ausência de linearidade dos acontecimentos na narrativa não nos proporciona um clímax, apenas uma repetição das ações, numa constante afirmação de sua existência, portanto, sem a virtude ou até a satisfação de se atender a um propósito maior, como o bem da pátria ou a vontade dos deuses. Entretanto, não nos esqueçamos do título, que remete ao *Éden*, espaço-tempo de origem religiosa, mas livre da moral cristã que lhe sucederia, portanto, sem deuses nem pecados. Ao contrário da narrativa bíblica, a sentença sem pontos-finais que compõe *Éden, Éden, Éden* com a palavra “*Vénus*” seguida de uma vírgula, indica, além da alusão à deusa do prazer, que o texto poderia se prolongar, numa repetição infinita das ações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tratar de questões semelhantes às de Gide, o ensaísta e militante Guy Hocquenghem também procurou desenvolver, em sua obra ensaística, uma reflexão sobre a sexualidade e a noção de perversão fora do campo marxista em que até então atuava. Pela leitura de *A contestação homossexual* (1980), pode-se apreender que essa “deriva”, no sentido deleuziano, se deu pelo fato de o autor como indivíduo ter se conscientizado de seu estatuto marginal, destinado à falta de aceitação pelas classes dominantes, ao contrário do que pensavam os defensores da assimilação dos homossexuais dentro das normas já postas pela sociedade. Torna-se nítido pela leitura como ele não entende os conceitos relacionados ao sexo e como se definem orientações sexuais, fases de desenvolvimento sexual e relacionamentos ideais fora dos paradigmas morais e religiosos de sua sociedade.

Uma rápida comparação entre os textos citados de Gide e Hocquenghem demonstra que seus questionamentos nos levam a pensar que, sim, a sexualidade tradicionalmente estabelecida não tem nada a ver com o sexo, o ato em si. Quando se reprimem duas crianças que exploram o corpo uma da outra, em busca dos genitais alheios, a intenção é reprimir uma ação amoral, “pervertida”, um “desvio”. Segundo Hocquenghem, não há qualquer “ingenuidade” nesse desejo das crianças, pois essa noção é um construto social, bem com as noções modernas de “criança” e “adolescente”.

Diante da diferença geracional grande entre Gide, um homem nascido ainda no século XIX, e Hocquenghem, que viveu o Maio de 68 francês, nota-se que, embora ambos compartilhem uma crítica que, em certa medida, põe em xeque valores morais, em prol de uma teoria e de uma história da homossexualidade, o autor de *Corydon* se atém a valores convencionais, ainda que sejam aqueles da Antiguidade. O dito “amor grego”, em especial a *paederastia*, aparece como potencial modelo para a substituição da norma vigente, do *status quo* francês pré-guerra. É preciso reforçar o problema presente no discurso amoroso homossexual diante do patriarcado a fim de perceber suas impossibilidades para se estabelecer livremente, sem a heterossexualidade como ponto de partida, a não ser que seja uma proposta de intervenção revolucionária, ousaríamos dizer. Sem tal preocupação, o discurso homofóbico, derivado de um posicionamento heteronormativo, se firma em André Gide, ainda que de forma internalizada.

Outra consequência direta de tal posicionamento é clara: a persistência da dinâmica de dominação do patriarcado nas relações. No contexto gideano, a diferença dos sexos de Eduardo Colombo se reforça não só pelo “amor grego”, mas também, como analisamos, pela posição de exclusão à qual a mulher é relegada, como em *Corydon*. Incorporando-se, ainda, o contexto colonial, Guyotat nos apresenta a violência que o poder patriarcal lega ao homem no exercício de sua sexualidade que, mesmo que dê entre iguais, ou seja, entre pessoas do mesmo sexo, pode

ser uma representação clara de uma desigualdade distante da idealização da *paiderastía*. Nesse sentido, torna-se claro que, se adotarmos uma posição semelhante à de Hocquenghem, a centralidade do homem na construção da homossexualidade a partir de Gide e Guyotat leva à reafirmação do patriarcado e à anulação de outros discursos amorosos que são relegados à margem e, portanto, reprimidos.

#### REFERÊNCIAS

- Borillo, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- Brun, Catherine. *Guyotat Pierre: essai biographique*. Paris: Léo Scheer, 2005.
- Colombo, Eduardo. L'ordre hiérarchique et la différence de sexes. *Réfractio*, Paris, n. 24, p. 51-62, 2010.
- Dover, Kenneth. *Greek Homosexuality*. London: Duckworth, 1978.
- Drigny, Juliette. Écrire en langue: langue nouvelle et subversion du français chez Pierre Guyotat. *Fabula-LHT*, Paris, n. 12, mai. 2014.
- Disponível em: <<http://www.fabula.org/lht/12/drigny.html>>. Acesso em: 12 jun. 2017.
- Foucault, Michel. *História da sexualidade. Vol. 3: O cuidado de si*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Graal, 2002.
- Gagnon, Katherine. *Faire chanter la langue*. Approches de la défiguration dans l'oeuvre de Pierre Guyotat. 441 f. Tese de doutorado (Estudos Literários) – Université du Québec à Montréal, Montreal, Canadá, 2014.
- Gide, André. *Córidon*. Trad. de Hamílcar de Garcia. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Corydon*. Paris: Gallimard, 1924.
- Guyotat, Pierre. *Éden, Éden, Éden*. Paris: Gallimard, 1970.
- Hocquenghem, Guy. *A contestação homossexual*. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- Ogden, Daniel. Homosexuality and Warfare in Ancient Greece. In: Lloyd, Alan (org.). *Battle in Antiquity*. 2. ed. Swansea: The Classical Press of Wales, 2009.
- Williams, Craig. *Roman Homosexuality*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2010.

**Artigo recebido em 15/06/2017; aprovado para publicação em 01/07/2017**

**RESUMO:** O problema posto pelo uso da noção de “amor grego” por André Gide, em *Corydon* (1924), não se limita a essa obra. A idealização das relações sexuais entre homens na Antiguidade, em especial na Grécia, a partir da *paiderastía*, tem como pressupostos a

ausência de outras formas de amor homossexual e, por consequência, a permanência do conceito patriarcal de masculinidade. Tal questão se torna evidente pelo modo como a sexualidade masculina se estabelece também em *Éden, Éden, Éden* (1970), de Pierre Guyotat, mais tarde na tradição francesa. O discurso amoroso elaborado a partir de uma imagem moderna dos gregos antigos, portanto, não se sustenta a não ser que suponha a dominação masculina na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sexualidade masculina. André Gide. Pierre Guyotat.

**ABSTRACT:** The problem put by the use of the notion of “Greek love” by André Gide, in *Corydon* (1924), is not limited to this work. The idealization of sexual relations between men in antiquity, especially in Greece, from the *paiderastía* assumes the absence of other forms of homosexual love and, consequently, the permanence of the patriarchal concept of masculinity. This matter becomes evident in the way by which male sexuality is established in *Éden, Éden, Éden* (1970), by Pierre Guyotat, later in the French tradition. The love discourse composed from a modern image of the ancient Greeks, therefore, is not established unless it assumes the existence of male domination in society.

**KEYWORDS:** Male sexuality; André Gide; Pierre Guyotat.